

Ramón, ou ilustração a “Dos viejos comiendo sopa”, de Goya

Pedro Sasse



Sufoca. Calor de florestas equatoriais. A luz, não se sabe bem por onde sai. É brilho cansado e amarelado largando-se lânguido. Desistiu, de certo, de qualquer fuga. Há o tinir constante da colher no pote: metal, barro e eco gasto de cotidiano, memória, mas ação. Solta – o outro – palavras escassas a Ramón. Ramón, que ignora o mundo. Ramón, que deixa o repousar da mosca longa sob a ponta da pouca cabeça. Apenas Ramón e o resto de sopa. Falava – o outro. A voz empoeirada, um pé de móvel colonial arrastado no assoalho da madeira irregular ressecada por eras passadas. Ramón sorri, não mais. Ou isso cria. Aquelas mínimas falanges seculares rascando o insondável. Toca – o outro – o ombro de Ramón, mas nem sempre. E Ramón divagava. Só Ramón parece ter tempo para tudo ali. E a sopa. Mente dispersa, peculiar redemoinho de falas e teias tecido em roca mal regulada. Não se fala, não se lembra, nem se come. E a sopa seca. Os sentidos entorpecem – pouco uso. Mal despertam, acessórios. Ramón treme ao som de uns graves raros, talvez outrora voz. Talvez angústia. Talvez, mesmo, som da onda de maré alta em noite de lua cheia. Ouve – o outro – chuva. Sapateado de cristais nessas ruas vazias de cada sesta. Recobre – o outro – certas horas, com um amarrotado pedaço de pele, as órbitas amareladas. Sublime solenidade. Os lábios áridos passeiam, verminais, no rosto moribundo. Riso e medo. Foi-se, primeiro, a cidade: ruas, janelas e passos. Depois cumulus e nimbus, Sol e o farfalhar soturno dos pardais nas telhas de

barro. E vultos, e cheiros, e impressões. Depois, tudo era resto. Coisa escura, cinérea, uma estática penetrando pelos poros, conquistando a carne cansada. Ramón não se incomoda. Vez ou outra resmunga – o outro –, mais mania que necessidade. Ramón, impassível aos murmúrios. Só sorri. Conversa – o outro -, mas menos, cada vez. Essas prosas truncadas, nem origem, nem fim, falas perdidas nas reflexões de um espelho já turvo por natais em excesso. Além da vista, uma sombra, suposta, jaz. Curiosíssima – nisso concordam Ramón e o outro. Brinca – o outro – de adivinhar figuras nas trevas – e as figuras nas trevas, creiam, brincam de adivinhar velhos e sopas. Ramón acompanha, olhos perdidos, quimeras nos confins do universo. Mas o que se passa com Ramón? Essa face de brilho tosco. Esse sempre sorriso de terrível ironia. E no fundo do olho, bem no fundo, tão difícil de distinguir, o que será?

Ajeita-se – o outro – nos panos, quase mortalha. Colher no barro, raspa a outrora sopa. “O que vê ali, Ramón?”. Mas Ramón é sempre um silêncio a encarar as trevas que os olhos nunca alcançarão.